

RESSALVA

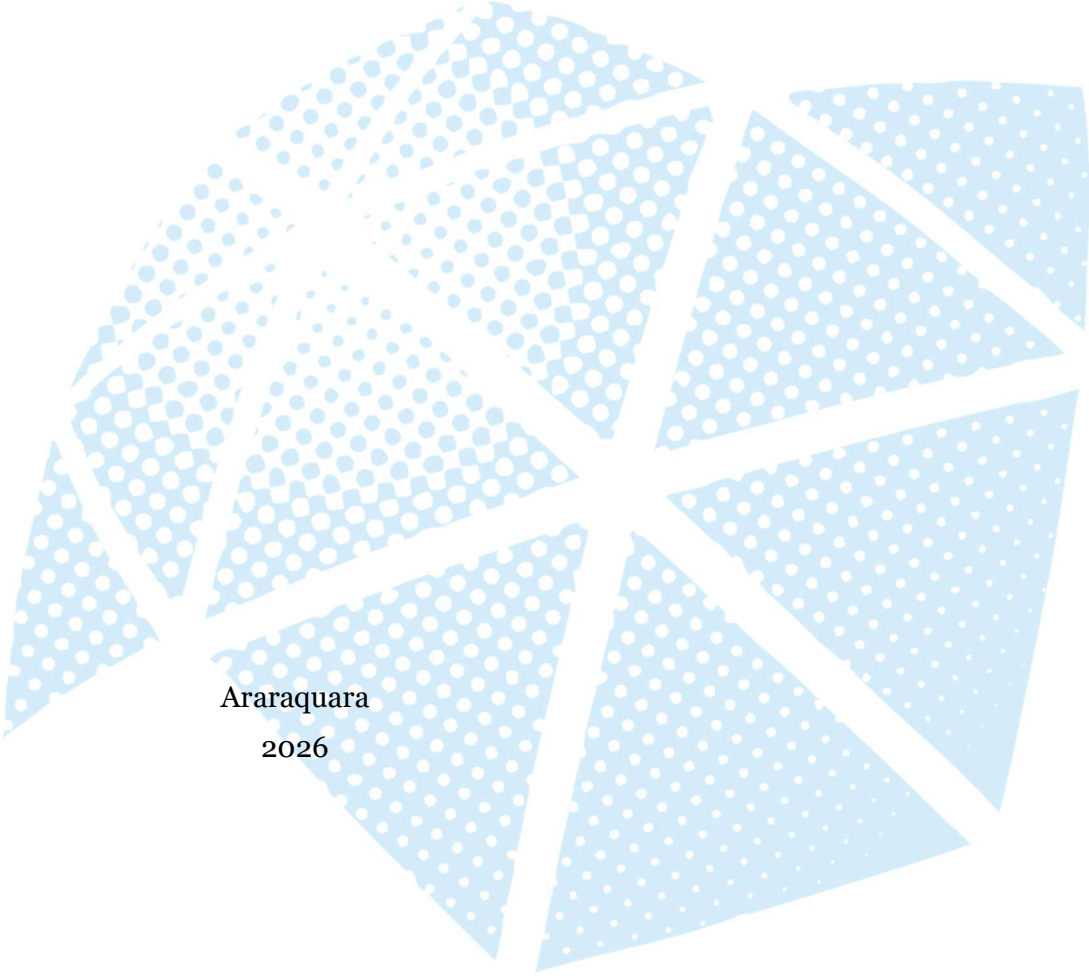
Atendendo solicitação do autor, o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 02/03/2028.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP
Júlio de Mesquita Filho – Campus de Araraquara

TAYNARA SANTOS DA SILVA

POSSIBILIDADES DO PROTAGONISMO DA ENFERMAGEM:
os afetos como norteadores de práticas em educação sexual pela Enfermagem
por meio da análise do discurso

Araraquara
2026



TAYNARA SANTOS DA SILVA

POSSIBILIDADES DO PROTAGONISMO DA ENFERMAGEM:

os afetos como norteadores de práticas em educação sexual pela Enfermagem
por meio da Análise do Discurso

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP) Júlio de Mesquita Filho, *campus* Araraquara, como parte das exigências para obtenção do título de Mestra em Educação Sexual.

Área de Concentração: Desenvolvimento, Sexualidade e Diversidade na Formação de Professores

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Clarice Pimentel Paulon

Araraquara

2026

S586p

Silva, Taynara Santos da

Possibilidades do Protagonismo da Enfermagem : Os afetos como norteadores de práticas em educação sexual pela Enfermagem por meio da Análise do Discurso /

Taynara Santos da Silva. -- Araraquara, 2026

114 p. : il., tabs., fotos

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara

Orientadora: Clarice Pimentel Paulon

1. Educação sexual. 2. Enfermagem. 3. Análise do discurso. 4. Sistema Único de Saúde (SUS).. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Dados fornecidos pelo autor(a).

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

A presente pesquisa, ao incorporar conceitos antropológicos, psicanalíticos e históricos como ferramentas através da Análise do Discurso, busca gerar impactos científicos, econômicos, sociais e psicológicos no campo da educação em Enfermagem. No plano econômico, contribui para a redução de custos ao fortalecer estratégias preventivas em saúde sexual e no enfrentamento das violências. Socialmente, promove a qualificação do cuidado nas unidades básicas de saúde, ampliando a humanização do atendimento e a adequação às demandas concretas das usuárias. No âmbito psicológico e profissional, fortalece enfermeiras educadoras, conferindo protagonismo, segurança e capacidade crítica para a análise dos contextos sociais em que atuam, em consonância com os princípios de humanização do Sistema Único de Saúde.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

By incorporating anthropological, psychoanalytical, and historical concepts as tools through Discourse Analysis, this research seeks to generate scientific, economic, social, and psychological impacts in the field of nursing. Economically, it contributes to cost reduction by strengthening preventive strategies in sexual health and in combating violence. Socially, it promotes the qualification of care in basic health units, expanding the humanization of care and adapting to the concrete demands of users. In the psychological and professional sphere, it strengthens nurse educators, giving them protagonism, security, and critical capacity for the analysis of the social contexts in which they operate, in line with the principles of humanization of the Unified Health System.

TAYNARA SANTOS DA SILVA

POSSIBILIDADES DO PROTAGONISMO DA ENFERMAGEM:

os afetos como norteadores de práticas em educação sexual pela Enfermagem
por meio da Análise do Discurso

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, para obtenção do título de Grau acadêmico Mestre(a) em Educação Sexual
Área de Concentração: Desenvolvimento, Sexualidade e Diversidade na Formação de Professores.

Data da defesa: 02 / 03 / 2026

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Clarice Pimentel Paulon
UNESP – Júlio de Mesquita Filho - Campus de Araraquara

Prof.^a Dra. Natália Rejane Salim
Universidade Federal de São Carlos

Prof.^a Dra. Tatiana de Vasconcellos Anéas
Instituto de Saúde da SES/SP

*A todas as Marias do mundo, em especial à
minha avó, e a todos aqueles que, com amor e
paciência, compartilham a existência comigo:
amigos e mestres, o amor da minha vida,
meus pais e a mim mesma,
que tantas vezes duvidei de mim.
E a Deus, que nunca duvidou.*

Agradecimentos

O presente trabalho contou com o apoio sensível e comprometido de enfermeiras da rede de Atenção à Saúde da Família do município em que a pesquisa foi desenvolvida, profissionais que, em seu exercício cotidiano, sustentam a ampliação do acolhimento e a consolidação de práticas pautadas na humanização do cuidado. Agradeço em especial a Enfermeira Lígia, que me abriu as portas.

Registro também minha gratidão à minha orientadora, Professora Doutora Clarice, cujo acompanhamento atento, generoso e constante tornou-se fundamental ao longo deste percurso ao apresentar possibilidades e caminhos que transformaram profundamente minha maneira de compreender e interpretar o mundo.

De maneira especial, agradeço a Professora Doutora Natália que com o olhar generoso, sensível e criativo nos ajudou a encontrar novos rumos.

Às mulheres que hoje, corajosamente, aceitaram contar suas histórias e compartilhar suas dores, esperando que as do futuro não mais as sintam, minha profunda gratidão.

*Maria, Maria, é um dom, uma certa magia
Uma força que nos alerta
Uma mulher que merece viver e amar
Como outra qualquer do planeta
Maria, Maria, é o som, é a cor, é o suor
É a dose mais forte e lenta
De uma gente que ri quando deve chorar
E não vive, apenas aguenta
Mas é preciso ter força, é preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca, Maria, Maria
Mistura a dor e a alegria*

Trecho da Música *Maria, Maria*, de Milton Nascimento e Fernando Brant,
lançada em 1978 no álbum *Clube da Esquina 2*)

Resumo

Esta dissertação tem como questão central entender qual tem sido o papel da Enfermagem na construção de conhecimentos em torno da sexualidade e da educação sexual das mulheres nas comunidades e fomentar a importância do papel da Enfermagem na educação sexual de mulheres usuárias de quatro Unidades Básicas de Saúde (UBSs). Para tal, buscou-se analisar a participação da Enfermagem no que tange à construção da sexualidade dessas mulheres a partir de suas próprias perspectivas, por meio de entrevistas com oito pacientes da UBSs de um grande município do interior do Estado de São Paulo. Dentro dos ditames da saúde pública, esta dissertação considera o conceito de “educação sexual” da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), que se refere ao processo educativo integral que promove conhecimentos, habilidades e valores para decisões conscientes e responsáveis sobre a sexualidade, favorecendo saúde, bem-estar e prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), gravidez não planejada e violência, além do desenvolvimento da autonomia e do pensamento crítico sobre o corpo e as relações. Como referencial teórico-metodológico para apoiar a pesquisa, adotou-se a Análise do Discurso de linha francesa, com o intuito de apreender sentidos, afetos e relações de poder que atravessam os discursos sobre a sexualidade feminina. A discussão é articulada à trajetória histórica da Enfermagem e às construções sociais do feminino, problematizando as possibilidades e os limites da atuação da Enfermagem no campo da educação sexual, em diálogo com o trabalho reprodutivo e as marcações de gênero. Concluiu-se, a partir dos achados empíricos, que a educação sexual ainda é fruto social de tabus perpetuados ao longo da história, afetando tanto usuárias como os próprios profissionais de saúde, e nessa seara são delineadas demandas e potencialidades para o ensino da educação sexual pela, e na, Enfermagem, visando ao fortalecimento de práticas formativas e ao empoderamento profissional no cuidado à saúde sexual das mulheres.

Palavras-chave: educação sexual; enfermagem; análise do discurso; sexualidade; SUS.

Abstract

The present dissertation focuses on the role of nursing in building knowledge about sexuality and sex education for women in communities, and on the promotion of the importance of nursing in the sex education of women who use four Basic Health Units (BHUs). In order to this end, an analysis was conducted of the participation of nursing in the construction of these women's sexuality from their own perspectives. This was achieved through interviews with eight patients from UBSs in a large municipality in the interior of the state of São Paulo. In accordance with the principles of public health, this dissertation explores the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO) conceptualization of "sex education," defined as a comprehensive educational process that fosters the acquisition of knowledge, skills, and values, enabling individuals to make informed and responsible decisions regarding their sexuality. The primary objectives of sex education include the promotion of health, well-being, and the prevention of sexually transmitted infections (STIs), unplanned pregnancy, and violence. Additionally, sex education aims to cultivate autonomy and critical thinking skills concerning the body and relationships. The theoretical and methodological framework employed to support the research was that of French Discourse Analysis, with the aim of understanding the meanings, emotions, and power relations that permeate discourses on female sexuality. The discussion is linked to the historical trajectory of nursing and the social constructions of femininity, problematising the possibilities and limits of nursing practice.

Keywords: sexual education; nursing; discourse analysis; sexuality; SUS.

Lista de Ilustrações

Figura 1	19
Figura 2	28
Figura 3	54
Tabela 1	50
Tabela 2	58

Lista de Abreviaturas e Siglas

AD	Análise do Discurso
CNE	Conselho Nacional de Educação
ESF	Estratégia de Saúde da Família
OMS	Organização Mundial da Saúde
PNAISM	Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher
SUS	Sistema Único de Saúde
USF	Unidade de Saúde da Família
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Sumário

APRESENTAÇÃO	14
1 INTRODUÇÃO.....	19
1.1 EVA: DA COLÔNIA AO IMPÉRIO	19
1.2 QUANDO VÊNUS SEGUROU A LÂMPADA: A ENFERMAGEM NO BRASIL ASSOCIADA AO FEMININO	43
2 MÉTODO.....	50
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	57
3.1 FATOS QUE RECLAMAM SENTIDOS: “UMA HISTÓRIA DE AMOR E FÚRIA”	57
3.2 VERGONHA.....	62
3.3 MEDO	68
3.4 CULPA, SOFRIMENTO E SOLIDÃO.....	74
3.5 CURIOSIDADE.....	81
3.6 O OLHAR DAS ENTREVISTADAS SOBRE O PAPEL DA ENFERMAGEM NAS QUESTÕES DA SEXUALIDADE HUMANA	87
3.7 DA DIMENSÃO DA APLICAÇÃO PRÁTICA E UTILIDADE SOCIAL DESTA PESQUISA: A EDUCAÇÃO EM CONTEXTO NÃO FORMAL COMO UM POSSÍVEL CAMINHO	96
4 CONCLUSÃO.....	103
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	108
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	115
APÊNDICE B – ROTEIRO SEMIESTRUTURADO PARA ENTREVISTA E COLETA DE DADOS	117
APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	119
APÊNDICE D – NOTAS DO DIÁRIO DE CAMPO.....	165

APRESENTAÇÃO

A idealização deste trabalho nasceu em mim antes mesmo que eu desejasse me engendrar pelo caminho da pesquisa e do ensino: em uma tarde quente, nos semestres finais da faculdade, eu estudava em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) quando me deparei com a seguinte cena: uma mulher entra pela porta da sala em que eu me encontrava — estávamos ali matando o tempo, já que não havia pacientes no momento. Ela carregava um bebê de não mais de 1 ano de idade em um braço e segurava um menino pela outra mão. Todos estavam malvestidos, e as roupas não aparentavam estar limpas.

Na faculdade *somos treinados a reparar em cada detalhe dos pacientes, porque todos eles estão nos contando uma história*. Ela vinha para tomar seu anticoncepcional injetável, e da data marcada na receita havia passado 3 dias. “Meu bebê ficou doente”, ela justifica, e a profissional que a atendia (a qual eu observava para aprender com sua metodologia) recusou-se a aplicar a medicação, mandando-a embora. Depois de muito esbravejar, a moça com seus dois filhos partiu — e sem a medicação. Eu nunca me esqueci do rosto dela, porque me inquietava o fato de que tínhamos tempo, recurso e autonomia para ensinar-lhe mais sobre métodos contraceptivos,¹ e ela também poderia, sim, ter recebido a aplicação do medicamento, mas eu me calei por falta de autonomia. Quanto à profissional, pensei: “por que ela não realizou o atendimento *correto*?”.

Desde aquele dia, em mim essa pergunta ecoa muito alto. Teorizei: “*é por falta de conhecimento, ou de vontade, ou de autonomia?*”. Essa dúvida me incomodou e dela nasceu um desejo de ajudar a fazer com que minhas colegas de profissão reflitam e se utilizem do poder de ação que temos por meio do ensino, da educação. Dessa reflexão, veio um desejo pela docência, porque somente por meio dela poderia ter contato com profissionais de saúde ainda em formação — mulheres que logo estariam atuando em “postinhos”, atendendo a tantas outras mulheres carentes de ensino e orientação.

Engendrar pela educação sexual foi a escolha que me pareceu mais próxima ao meu objetivo, em especial porque trabalhei em uma maternidade, e lá entendi ainda mais profundamente a necessidade de munir as enfermeiras de conhecimentos sobre a sexualidade, para que, por conseguinte, suas pacientes sejam atendidas de forma integralizada.

A educação é de fato uma arma poderosa. Com o passar das aulas deste mestrado, pude notar o quanto meu tema de pesquisa se associa a minha individualidade: sou neta de uma Maria, uma dessas Marias tal qual descreveram Milton Nascimento e Fernando Brant — casada aos 12, mãe de 11, analfabeta, nunca saiu da roça. De fato, nunca deixou de cuidar e

¹ Ou seja, realizar uma das atividades premeditadas pelo campo da educação sexual, tal como preconizado pela Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PNAISM, 2004).

servir: mesmo hoje, quando ela mal pode andar, mal pode se lembrar das coisas, quando a doença já consumiu seu corpo, ela ainda serve mais do que jamais será servida. E, por ironia da vida, escolhi para mim uma profissão cuja existência se fundamenta justamente na capacidade feminina de olhar além, de cuidar. Mas seria essa capacidade reconhecida ou subjugada?

Decidi então que doaria de mim esta vontade de ensinar às mulheres um pouco de si, buscaria saber o que usuárias do Sistema Único de Saúde (SUS) querem da Enfermagem. Queria encontrar Marias e Marias para perguntá-las se elas sabiam do potencial a ser transmitido pela Enfermagem, se elas já haviam sido ajudadas, ou, caso a ajuda lhes tivesse sido negada, por qual motivo. Precisava saber se essas necessidades se alinham à realidade do atendimento na atenção básica.

Sabe-se que, com o avanço do acesso ao atendimento em saúde pelos brasileiros, a Enfermagem ganha uma gama de atribuições, como a de educar as populações quanto à sexualidade. Em 2021, o Conselho Federal de Enfermagem (Cofen) lançou uma nota de esclarecimento que elucida a questão: “A consulta de Enfermagem na área da saúde sexual e reprodutiva tem amparo na lei que regulamente o exercício profissional, e no inciso II do Art. 8º do Decreto 94.406/1987, que regulamenta a Lei 7.498/1986.” (Cofen, 2021, não paginado). Porém, ao formarmos enfermeiras, o aspecto relacionado à atribuição de práticas educativas segue negligenciado nas grades curriculares, sendo a maioria dos anos do curso focada em ensinar o estudante a reproduzir conhecimentos meramente técnicos.

Talvez por isso este tema me chame a atenção: primeiro porque sou neta de uma Maria que foi socialmente invisibilizada enquanto paciente e cidadã, depois porque sou mulher e consciente de minhas demandas no que concerne à educação sexual; mas, antes de todas estas constatações, é porque aprendi desde o primeiro dia de aula na faculdade que meu trabalho como enfermeira é operar em oculto, sem levar os louros para casa, sem receber justamente por meu trabalho. Mesmo sendo eu a agente do saber no caso da educação em saúde, social e economicamente, ainda serei invisibilizada, tanto pela posição nos papéis de gênero que ocupo quanto pela minha profissão, associada ao feminino, por sua relação com o cuidado reprodutivo.

Penso que, para que a Enfermagem possa atuar sob o vasto viés da sexualidade humana e estar constantemente aumentando sua base teórica sobre o tema, é necessário, antes, voltar-se ao modo como a sociedade se organiza ao longo da história: de que forma estão estabelecidas as relações de poder? De onde vem o senso comum sobre os corpos femininos? De que forma o corpo é posto e de que forma é invisibilizado? Portanto o preparo do profissional enquanto educador e atuante na área da saúde deve torná-lo capaz de reconhecer o normal e o patológico, conhecendo cada etapa do desenvolvimento sexual humano e as mudanças que o envolvem e perpassam tanto o social como o político e biológico, em uma rede

complexa e multifatorial de aspectos que constituem a saúde humana. Essa proposta demanda conhecimentos que a graduação ainda não fornece, e que, no entanto, a prática do cuidado revela (França & Baptista, 2007; Mandú, 2004).

A análise do *papel educador* da Enfermagem, especialmente no campo da sexualidade, exige uma retomada histórica do processo de consolidação da saúde pública no Brasil, cuja trajetória se entrelaça de maneira significativa com a Enfermagem e, por consequência, com a experiência social das mulheres, uma vez que são maioria na profissão. A discussão acerca do acesso da Enfermagem à educação sexual só pode ser devidamente problematizada a partir desse marco. A história da saúde feminina no Brasil, tal qual a história do SUS, se estabelece por meio de uma luta política e, por este motivo, elas se mesclam de diversas formas. As lutas pela universalização dos direitos de acesso à saúde para as mulheres estão introjetadas e diretamente relacionadas à criação de políticas públicas descentralizadas.

Estes processos culminaram em um formato ímpar de debate em saúde. Tal modelo teve origem no Brasil, especialmente a partir das transformações ocorridas no século XX, período que marcou o auge dessas mudanças. Atualmente estas vivências figuram entre as bases para direcionar que este mesmo projeto se estabeleça mundo afora.² A história de criação de um sistema uno, complexo, gratuito e descentralizado transpassa gerações e períodos históricos, e pode-se afirmar que a saúde e a democracia brasileira abriram para si caminhos paralelos e simultâneos, sendo, de modo evidente, proporcionais uma à outra.

O trabalho aqui apresentado, então, tenciona em princípio *entender qual tem sido o papel da Enfermagem na construção de conhecimentos em torno da sexualidade e da educação sexual das mulheres nas comunidades*.

Especificamente, objetiva, por meio da análise do discurso das usuárias sobre o tema, refletir se a graduação em Enfermagem tem sido eficaz em formar educadores no que diz respeito à sexualidade: de que modo a enfermeira participa do desenvolvimento sexual dos usuários do SUS, se as intervenções são eficientes e em que elas não o são. Dentre os olhares das usuárias do SUS, pretendeu-se observar e analisar qual o entendimento da comunidade sobre a sexualidade na atualidade e de que modo entendem o papel da Enfermagem na construção destes conhecimentos.

Por educação sexual entende-se, como definido por Figueiró (2001) o ensino que abranja a sexualidade, que por sua vez, ultrapassa a dimensão biológica e deve ser compreendida como construção cultural. Nesse contexto, a educação sexual precisa envolver reflexão individual e coletiva, possibilitando ao indivíduo, reconhecer-se como sujeito de sua sexualidade, capaz de estabelecer relações saudáveis, interferir no curso de sua vida e

² *SUS pode ser inspiração para salvar saúde do Reino Unido, diz jornal inglês. BBC News, 2025.* Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cx2or97kyl70>. Acesso em: 25 jan. 2026.

contribuir para a transformação social. A autora ainda ressalta que essa prática educativa vai além da prevenção de problemas sociais, estando vinculada ao desenvolvimento integral da personalidade e ao aumento do bem-estar e da felicidade humana (p. 19) A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO 2018) trata uma definição semelhante ao apontado pela autora, sobretudo no que diz respeito ao acesso a informações qualificadas em prol do desenvolvimento da autonomia dos sujeitos sobre seus corpos.

Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo que busca, por meio da Análise de Discurso (AD), compreender, a partir da nomeação e delimitação dos afetos apresentados durante as entrevistas, necessidades, anseios e culpas que conectam as mulheres usuárias do SUS às suas sexualidades e de que maneiras a Enfermagem pode estabelecer um diálogo efetivo com as necessidades evidenciadas pelas próprias usuárias de acordo com as lacunas apontadas pela Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PNAISM, 2004).

A partir desses objetivos, portanto, em primeiro momento trouxemos a história da saúde pública no Brasil, que certamente começa com os primeiros suspiros da saúde coletiva, culminando na criação do próprio SUS. Refletimos ainda o feminino dentro de um percurso histórico de si, buscando compreender como a mulher constrói a história do País e é por ela construída. Concomitantemente, pretendeu-se refletir sobre como a Enfermagem está ligada a este trajeto das mulheres pela história por meio de sua inscrição ao papel de cuidar, sobreposto à profissão, e de como o fato de esta mulher assumir para si o protagonismo em papéis como o de educar as populações em contexto de saúde se estreita e se confunde, muitas vezes, com a própria noção de feminilidade. Durante essa construção foram convocadas obras literárias e fílmicas com o intuito de incluir, junto ao pensamento acadêmico, a transmissão de um saber sensível a outras formas de construção do conhecimento, a fim de trazer novas estratégias de ensino ao campo da educação sexual.

O segundo momento da pesquisa corresponde ao método, capítulo dedicado a examinar minuciosamente os procedimentos da AD aplicados a este estudo. Nele foram apresentadas as facilidades e dificuldades encontradas ao longo do processo, assim como os aspectos específicos que orientaram a análise das entrevistas. Neste capítulo apresentou-se mais detalhadamente a AD, a fim de que ela seja uma ferramenta útil ao campo da Enfermagem, tornando-a acessível a outras pesquisas.

No terceiro momento da dissertação, iniciamos a discussão, sustentada pelos percursos históricos, sociais, políticos e metodológicos que estruturam o trabalho. Tendo como foco as entrevistas realizadas, articulamos os afetos mencionados pelas participantes e sua relevância ideológica, com alinhamento às temáticas que percorrem todo o texto, construindo assim, por meio delas, a relação entre passado, presente e um possível futuro das políticas públicas de saúde e de direito sexual e reprodutivo das mulheres brasileiras. Dessa

forma, foi possível compreender como a Enfermagem é percebida pelas mulheres alcançadas por ações de educação sexual no contexto da atenção básica à saúde.

4 CONCLUSÃO

Ao longo desta dissertação, passamos por três momentos fundamentais para elaborarmos uma possível resposta a uma de nossas hipóteses de base, que são subjacentes a essa pesquisa: por que, afinal, as mulheres, mesmo tendo sabedorias milenares em relação ao cuidado e a saúde, não se encontram emancipadas das formas de opressão e dominação da sociedade? O que as mulheres fazem com o seu saber? Por que a Enfermagem, sendo uma profissão majoritariamente composta por mulheres e com condições de libertar às pacientes de sua opressão disciplinar, não o faz? Estas perguntas disparadoras, agora, ao final desse trabalho, podem ser formuladas. O que as condensou foi minha experiência pessoal, 5 anos atrás, resultado do acontecimento, mencionado na introdução, com a enfermeira da Unidade que se recusou, apesar da disponibilidade de condições de atendimento e do seu conhecimento, a contribuir com a formação e o saber de uma usuária do SUS.

Para entender tal atitude, que reverbera em diversas outras profissionais da área, passamos inicialmente pela formação social do Brasil, atravessada especialmente pela colonialidade e pelas formas de dominação dos corpos das mulheres, tendo como recorte o campo da saúde. Vimos como se iniciou a discussão da saúde no Brasil e sua trajetória até que se tornasse pública, equânime e universal. Após, percorremos a história da Enfermagem como campo da saúde localizado em uma perspectiva tipicamente feminina, aliado ao cuidado e ao trabalho reprodutivo. Entendemos, aí, o “enrosco” entre a submissão a uma dominação masculina e a emancipação: o cuidado tem essa dupla face — submete a uma lógica de dominação do saber mas emancipa quando se sabe utilizá-lo como instrumento de empoderamento e libertação.

Chegamos então ao nosso método tríplice, para que déssemos conta de analisar pela maior quantidade de perspectivas possíveis a experiência da e na pesquisa. Etnografia com diário de campo, entrevistas semiestruturadas e análise do discurso formaram uma aliança para a compreensão do que seria o campo da educação sexual na atenção básica e qual seria sua função.

As entrevistas, muito ricas, saltaram aos nossos olhos a questão dos afetos. Entendendo-os como modalizadores do discurso, e da relação com a ideologia, pudemos compreender sua valência política e sua capacidade de conduzir, metodologicamente, um debate sobre a educação sexual de mulheres na atenção básica. Vimos que, infelizmente, há ainda mais afetos negativos que positivos no que tange à sexualidade feminina. A pesquisa histórica inicial nos ajuda a localizar e entender de onde vêm e porque esses afetos se consolidam dessa forma ainda nos dias de hoje.

Dentre os afetos anteriormente discutidos, a vergonha e a culpa emergem como reguladores sociais da moral e da pureza feminina ditando, por meio do discurso, aquilo que

deve ser dito e aquilo que se deve ocultar. O medo, por sua vez, tendo sido citado por quase todas as participantes como um afeto relacionado à sexualidade e à educação sexual, realiza a manutenção do tabu e do silenciamento. O sofrimento indica as tensões comportamentais e desloca a culpa às mulheres (culpa por desejar, culpa por sofrer, culpa por ser violentada, culpa por ter dúvidas), gerando assim associação com uma espécie de solidão geral da mulher nas sociedades. A curiosidade, para finalizar a discussão, é um afeto positivamente associado pelas mulheres à questão da sexualidade e do prazer: é por meio dela que as mulheres rompem o silenciamento e buscam autonomia sobre seus corpos.

A escolha dos afetos como ponto focal da análise para discutir as lacunas da educação sexual das mulheres brasileiras evidencia que, quando estes mesmos afetos são reconhecidos e interpretados à luz das demandas apresentadas pelas mulheres, podem orientar caminhos potencialmente transformadores. De modo indireto, pode-se compreender como os afetos historicamente em manutenção reforçam e perpetuam as relações de poder que afastaram as mulheres de um protagonismo efetivo sobre seus corpos e sexualidades, essencialmente por meio dos discursos — e isso se vê tanto pelas mulheres entrevistadas como no comportamento das profissionais da Enfermagem. De outro lado, mesmo em momentos durante a realização das entrevistas, pudemos compreender que, quando mediados pela educação em saúde, os discursos se tornam dispositivos capazes de ressignificar experiências, favorecer processos de autonomia e fortalecer o protagonismo das mulheres sobre seus corpos e trajetórias de vida.

À luz da perspectiva pêcheutiana, articulada às contribuições de Foucault para com o discurso e as relações de poder, compreendemos que as demandas educacionais das mulheres não se restringem a momentos pontuais do ciclo de vida, mas se estendem de forma contínua, acompanhando suas trajetórias sociais e corporais. As carências identificadas não são fortuitas, mas possuem origens sociais e expressam relações de poder intrínsecas à forma como os corpos femininos são historicamente regulados, disciplinados e significados. Situações de transição e vulnerabilidade, como a puberdade, a maternidade, a menopausa e as experiências traumáticas, a exemplo da violência sexual, evidenciam de maneira ainda mais contundente a ausência de espaços educativos que abordem a saúde em sua dimensão biopsicossocial. Nesse contexto, os achados das entrevistadas sugerem a existência de um silenciamento institucionalizado em torno da sexualidade feminina, reforçado por práticas de cuidado que, muitas vezes, desconsideram as experiências subjetivas das usuárias.

Assim, reafirma-se a importância de práticas de Enfermagem que acolham os sentidos produzidos nos discursos das usuárias, sustentando intervenções críticas, sensíveis e comprometidas com a emancipação. Os relatos indicam, ainda, que a eficácia das ações educativas em Enfermagem está diretamente relacionada à capacidade da profissional de estabelecer um diálogo sensível e contextualizado com as usuárias. Portanto, carece que as profissionais compreendam o papel social que ocupam e sob quais relações operam

historicamente os corpos que tocam por meio de seu discurso, de seu silêncio e em especial de sua escuta.

Nesse sentido, articular uma escuta ativa, sensível às relações de poder que atravessam os discursos e modulam a emergência dos afetos, com práticas educativas desenvolvidas em contextos não formais, configura um caminho profícuo para reposicionar a Enfermagem. Tal articulação possibilita, sobretudo às mulheres que historicamente compõem a força de trabalho da Enfermagem brasileira, ocupar lugares de protagonismo e exercer um papel de atravessamento crítico no processo de desconstrução da desvalorização que se associa à profissão, bem como o trabalho reprodutivo, a esferas de menor prestígio social.

A escuta qualificada, sendo uma das peças fundamentais aqui discutidas, não se configura apenas como uma técnica comunicacional, mas como um princípio ético e político do cuidado, capaz de sustentar práticas educativas sensíveis às realidades sociais, afetivas e históricas das mulheres atendidas. Nesse sentido, a escuta ativa emerge como condição indispensável para o reconhecimento das necessidades expressas e silenciadas, permitindo que a educação em saúde ultrapasse abordagens normativas e prescritivas, aproximando-se de uma perspectiva verdadeiramente emancipatória. A centralidade da construção de vínculos como fundamento primordial do cuidado integral e holístico esteve em destaque em algumas das entrevistas.

No que se refere aos objetivos específicos, a análise do discurso das usuárias permitiu refletir criticamente sobre a formação em Enfermagem no que diz respeito à sexualidade e à preparação de profissionais para atuarem como educadoras em saúde. Sob uma perspectiva antropológica e discursiva, torna-se evidente que não há possibilidade de uma mulher estar no exercício da Enfermagem sem ser simultaneamente atravessada por esse campo e atravessar outras mulheres por meio dele. A prática profissional se estabelece, portanto, num contínuo entrelaçamento entre ideologia, discurso, afeto e relações de poder, sobretudo aquelas que operam de maneira marcada entre os gêneros.

É exatamente nesse trânsito, onde se articulam memórias, expectativas sociais, sofrimentos silenciados e demandas emergentes, que a Enfermagem encontra um de seus potenciais transformadores mais profundos. Ao ocupar espaços de escuta, orientação e educação, a Enfermagem contribui para tensionar essas estruturas, ampliando as possibilidades de cuidado, e reafirmar a sexualidade como dimensão constitutiva da saúde integral.

Como ponto crítico, contudo, é necessário destacar a urgência de revisão das bases curriculares que orientam a formação das enfermeiras, as quais, conforme anteriormente exposto, ainda não atendem plenamente às demandas de qualificação exigidas pela prática profissional. Para isso, os cursos devem formar profissionais com sólida capacidade

observacional e analítica, domínio de metodologias de ensino e habilidade para estabelecer vínculos, de modo a prepará-las adequadamente para o exercício educativo.

A partir do olhar das mulheres usuárias do SUS, foi possível observar que o entendimento da comunidade acerca da sexualidade nos dias de hoje permanece fortemente atravessado por tabus, interditos e desinformação, elementos que não se constituem de forma individual, mas são socialmente produzidos e institucionalmente reforçados. Nesse cenário, a Enfermagem ocupa um lugar ambíguo: ao mesmo tempo em que é vista como potencial mediadora de conhecimento e cuidado, também reproduz, em determinadas práticas, limites impostos por uma formação ainda marcada por perspectivas biomédicas e por relações hierárquicas no interior dos serviços de saúde.

Além disso, a formação precisa incorporar a educação continuada como competência mínima, garantindo que a profissional esteja permanentemente apta a atualizar-se e, conseqüentemente, a orientar a população em consonância com os avanços científicos relacionados ao cuidado. Os discursos analisados indicam que, embora a Enfermagem seja reconhecida como uma profissão próxima, acessível e presente no cotidiano dos serviços, as intervenções educativas relacionadas à sexualidade ainda se mostram em muitos casos fragmentadas, pontuais e centradas em aspectos biologizantes. Tal constatação sugere limites na formação acadêmica no que concerne à abordagem da sexualidade como dimensão complexa, histórica e socialmente construída, o que impacta diretamente a eficácia das práticas educativas desenvolvidas nos serviços de saúde.

Importa ressaltar que tanto o Protocolo da Atenção básica quanto a PNAISM (2004), apesar de oferecerem panoramas gerais dos sofrimentos e necessidades relacionados a violências desigualdade e educação sexual, não dispõem de ferramentas que ensinem às profissionais a escuta ativa e os modos de se abordar tais temáticas; assim, as profissionais dependem inteiramente de seu conhecimento empírico e de lançar mão da educação continuada como forma de melhorar sua atuação profissional.

Diante desse cenário, a educação em contextos não formais se apresenta como eixo fundamental da educação em saúde, atravessando as práticas da Enfermagem e apontando caminhos para a construção de um conhecimento contínuo, crítico e socialmente situado. Ao favorecer processos educativos que reconheçam as relações de poder em jogo, não com o intuito de negá-las, mas de evidenciá-las e problematizá-las, torna-se possível desestruturar discursos naturalizados e devolver às mulheres o protagonismo sobre seus corpos físicos e sociais. Dessa forma, a Enfermagem reafirma seu compromisso ético, político e social com a promoção da saúde, a equidade e a justiça social, consolidando-se como agente central na construção de práticas educativas transformadoras no âmbito do Sistema Único de Saúde.

No que se refere às limitações do estudo, destaca-se o tempo restrito destinado à coleta de dados e à interpretação dos achados. Considerando a complexidade inerente à Análise do

Discurso, especialmente em sua vertente pêncheutiana, reconhece-se que o processo interpretativo frequentemente demanda um tempo que extrapola os limites formais estabelecidos para a conclusão de uma dissertação. Ainda assim, a riqueza das falas das entrevistadas permitiu a construção de discussões relevantes para o campo da educação em saúde, das quais emergem urgências relacionadas à efetivação do cuidado integral, à adoção de metodologias educativas mais adequadas e à explicitação de fragilidades presentes na relação entre usuárias e profissionais de Enfermagem.

Por fim, conclui-se que compreender o papel da Enfermagem na educação sexual das mulheres implica reconhecer tanto seus potenciais quanto seus limites. Os achados apontam para a urgência de fortalecer a formação em Enfermagem no que concerne à sexualidade, de modo a preparar profissionais capazes de atuar como educadoras sensíveis, críticas e comprometidas com as necessidades expressas pelas próprias usuárias do SUS. Dessa forma, a Enfermagem reafirma seu papel estratégico na promoção da saúde da mulher, na consolidação dos princípios e diretrizes do SUS e na construção de práticas educativas que devolvam às mulheres o protagonismo sobre seus corpos e trajetórias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amado, J. (2008). *Capitães da areia*. Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1937).
- Andrade, Mário de. Macunaíma: o herói sem nenhum caráter. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979. Ilustração de Carybé em página não numerada.
- Antunes, J. R. (2018). *O cuidado de mulheres em um serviço de Atenção Básica: problematização de uma experiência de trabalho interprofissional* (Dissertação de mestrado). Universidade de São Paulo.
<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/108/108131/tde-12092018-153842/>
- Araújo, (1997) E. A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia, In M. Del Priore (Org.), *História das mulheres no Brasil* (pp. 38-65). Contexto.
- Arbex, D. (2013). *Holocausto brasileiro: Vida, genocídio e 60 mil mortes no maior hospício do Brasil*. Intrínseca.
- Assis, M. de. (1882). *O alienista*. In *Papéis avulsos* Cap.VIII (p. 21) Garnier.
- Assunção, M. R. S., Dias, I. H. P., Costa, A. C. B., Godinho, M. L.-S. C., Freitas, P. S., & Calheiros, C. A. P. (2019). A sexualidade feminina na consulta de Enfermagem: potencialidades e limites. *Revista de Enfermagem UFSM*, 10(68).
<https://doi.org/10.5902/2179769239397>
- Ataídes, F. B., Oliveira, G. S., & Silva, A. A. F. (2021). A etnografia: Uma perspectiva metodológica de investigação qualitativa. *Cadernos da FUCAMP*, 20(48), 133–147.
- Backes, D. S., Backes, M. S., Erdmann, A. L., & Buscher, A. (2012). O papel profissional do enfermeiro no Sistema Único de Saúde: da saúde comunitária à estratégia de saúde da família. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(1), 223–230. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000100024>
- BBC News Brasil. (2025). *SUS pode ser inspiração para salvar saúde do Reino Unido, diz jornal inglês*. <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cx20r97kyl70>
- Beraldi, M. L., Paranhos, W., Garcia, O. R. Z., & Horta, A. L. de M. (2024). O ensino da sexualidade em cursos de graduação em Enfermagem: revisão sistemática da literatura. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, 28, e230310.
<https://doi.org/10.1590/interface.230310>
- Bilenky, Marina K. (2014). Vergonha: sofrimento e dignidade. *Ide*, 37(58), 133–145. Recuperado em 16 de julho de 2025, de
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062014000200012&lng=pt&tlng=pt.
- Bolognesi, L. (Diretor). (2013). *Uma história de amor e fúria* [Filme de animação]. Buriti Filmes; Gullane Entretenimento.
- Boris, E. (2014). Produção e reprodução, casa e trabalho. *Tempo Social*, 26(1), 101-121.
<https://doi.org/10.1590/S0103-20702014000100008>
- Bourdieu, P. (1979). *La distinction: Critique sociale du jugement*. Les Éditions de Minuit.

- Bourdieu, P. (2002). *A dominação masculina* (M. da Costa, Trad.). Bertrand Brasil. (Obra original publicada em 1998).
- Brasil. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. (1998). *Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental* (Resolução CNE/CEB nº 2, de 7 de abril de 1998). Diário Oficial da União.
- Brasil. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. (2001). *Resolução CNE/CES nº 3, de 7 de novembro de 2001: Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem*. Diário Oficial da União.
- Brasil. Conselho Nacional de Educação. (2017). *Resolução CNE/CP nº 2, de 22 de dezembro de 2017: Institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular* (publicada no Diário Oficial da União, Seção 1, pp. 41–44).
https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/RESOLUCAOCNE_CP222DEDEZEMBRODE2017.pdf
- Brasil. (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, art. 196. DF: Presidência da República.
- Brasil. (1990). Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde. (Redação dada pela Lei nº 12.864, de 2013)
- Brasil. Ministério da Saúde. (2016). *Protocolos da Atenção Básica: Saúde das Mulheres*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. (2013). *Cadernos de Atenção Básica, n. 34: Saúde mental* (1ª ed.). Brasília: Ministério da Saúde
- Brasil. Presidência da República. (2007). *Decreto nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007: Institui o Programa Saúde na Escola – PSE*. Diário Oficial da União.
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6286.htm
- Bueno, R. C. P., & Ribeiro, P. R. M. (2018). *História da educação sexual no Brasil: apontamentos para reflexão*. Revista Brasileira De Sexualidade Humana, 29(1), 49–56.
<https://doi.org/10.35919/rbsh.v29i1.41>
- Cachado, R. Á. (2021). Diário de campo: Um primo diferente na família das ciências sociais. *Sociologia & Antropologia*, 11(2), 551–572. <https://ciencia.iscte-iul.pt/publications/diario-de-campo-um-primo-diferente-na-familia-das-ciencias-sociais/85111>
- Conselho Federal de Enfermagem (Cofen). (2015). *Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil*. <https://www.cofen.gov.br/perfilEnfermagem/#collapseEight>
- Conselho Federal de Enfermagem – Cofen. (2021). *A consulta de Enfermagem na saúde sexual e reprodutiva: Diretrizes para atuação profissional*. Brasília, DF.
<https://www.cofen.gov.br>
- Conselho Nacional de Saúde. (2007). *Relatório consolidado da 13ª Conferência Nacional de Saúde*. Ministério da Saúde/BVS.
https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/fis2/img/relatorio_consolidado_13cns.pdf

- Contraponto. (2025). *Câmara de Curitiba quer prevenir sensacionalismo de vereadores*. Recuperado de <https://contraponto.jor.br/camara-de-curitiba-quer-prevenir-sensacionalismo-de-veredores/>
- Caregnato, R. C. A., & Mutti, R. (2006). Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto & Contexto – Enfermagem*, 15(4), 679–684. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072006000400017>
- Costa, L. H. R., & Coelho, E. C. A. (2011). Nursing and sexuality: Integrative review of papers published by the Latin-American Journal of Nursing and Brazilian Journal of Nursing. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 19(3), 631–639. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692011000300024>
- Coutinho, J. (2025, 11 de fevereiro). Uso político de visitas a unidades de saúde gera debate sobre abuso de poder e exposição de médicos e pacientes. *iG Último Segundo*. Recuperado de: <https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2025-02-11/veja-os-limites-da-atuacao-de-veredores-na-fiscalizacao-da-saude.html>
- Del Priore, M. (1997). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- Dejours, C. (1986). *Por um novo conceito de saúde* [Tradução de palestra proferida em outubro de 1982]. Disponível em <https://atividart.wordpress.com/wp-content/uploads/2020/09/por-um-novo-conceito-de-saude-dejours-1.pdf>
- Engel M. (1997), *Psiquiatria e Feminilidade* In M. Del Priore (Org.), *História das mulheres no Brasil* (pp. 270-303). Contexto.
- Escorel *et al* (2005) *As Origens da Reforma Sanitária do SUS* In Lima, N. T. Gerschman, S., Edler, F. C., & Suárez, J. M. (Orgs.). *Saúde e democracia: História e perspectivas do SUS* (pp. 63 -88, 1ª ed.). Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Faria, G. P., Souza, J. A., & Brandão, L. L. (2019). Aisthesis e a fruição estética. *RELACult*, 5(5). <https://doi.org/10.23899/relacult.v5i5.1545>
- Ferreira, F. A. D., & Santos, D. O. (2023). A Educação Sexual nas diferentes versões da Base Nacional Comum Curricular. *SciELO Preprints*, 5559.
- Figueiró, M. N. D. (2001). A formação de educadores sexuais: Possibilidades e limites [Tese de doutorado, Universidade Estadual Paulista]. Repositório Institucional da Unesp.
- França, I. S. X., & Baptista, R. S. (2007). A construção cultural da sexualidade brasileira: Implicações para a Enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 60(2), 202–206. <https://www.scielo.br/j/reben/a/wBvpF8CNtfg3pwy3ymFWLFt/?lang=pt>
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2024). *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2024* (18ª ed.). São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública. <https://forumseguranca.org.br/publicacoes/anuario-brasileiro-de-seguranca-publica/>
- Foucault, M. (1979). *História da sexualidade I: A vontade de saber* (M. A. Ribeiro da Silva, Trad.). Graal. (Obra original publicada em 1976)
- Foucault, M. (1987). *Vigiar e punir: História da violência nas prisões* (2ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.

- Foucault, M. (2001). *O filósofo mascarado*. In M. B. Motta (Org.), *Ditos e escritos IV: Estratégia, poder-saber* (pp. 244–260). Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Original publicado em 1980)
- Gama, G. (2025). No Brasil, adolescentes engravidam 4 vezes mais que em países desenvolvidos — Uma a cada 23 meninas entre 15 e 19 anos se torna mãe por ano, segundo estudo da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). *CNN Brasil*, 21 jul. <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil/no-brasil-adolescentes-engravidam-4-vezes-mais-que-em-paises-desenvolvidos/>
- Garton, S. (2009). *História da sexualidade da Antiguidade à Revolução Sexual* (1ª ed.). Editorial Estampa.
- Giuliani, P.C. (1997) Os Movimentos de Trabalhadoras e a Sociedade Brasileira. In M. Del Priore (Org.), *História das mulheres no Brasil* (pp. 537- 559). Contexto.
- Gohn, M. da G. (2014). Educação não formal, aprendizagens e saberes em processos
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (2023). *Censo demográfico 2022: População residente por sexo*. <https://censo2022.ibge.gov.br/resultados/indicadores-sociais.html>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2020). Pesquisa Nacional de Saúde 2019: Percepção do estado de saúde, estilos de vida e doenças crônicas. IBGE. <https://biblioteca.ibge.gov.br/>
- Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos – IPN. (2021, julho 24). *Lazareto da Gamboa* [Fotografia de Alex Ferro]. Instituto Pretos Novos. Recuperado em 4 de julho de 2025,
- Justino, G. B. da S., Salim, N. R., Silveira, R. T., & Souza-Silva, J. (2023). Sobre todas as flores: educação popular em saúde e autonomia em saúde sexual no climatério/menopausa. *Revista Educação e Pesquisa*. <https://doi.org/10.14393/REP-2023-68850>
- Kidd, C., & Hayden, B. Y. (2015). The Psychology and Neuroscience of Curiosity. *Neuron*, 88(3), 449–460. <https://doi.org/10.1016/j.neuron.2015.09.010>
- Klettemberg, D. F., & Siqueira, M. T. A. D. (2003). A criação do ensino de Enfermagem no Brasil. *Cogitare Enfermagem*, 8(2), 61–67. <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2018/06/185188/a-criacao.pdf>
- de <https://pretosnovos.com.br/2021/07/24/lazareto-da-gamboa/>
- Lima, N. T. (2005). A saúde na construção do Estado nacional no Brasil: Reforma sanitária em perspectiva histórica. In N. T. Lima & S. Gerschman (Orgs.), *Saúde e democracia: História e perspectivas do SUS* (pp. 26–56). Editora Fiocruz.
- Lemos, S. (2023). Brasil tem o segundo maior número de cesáreas no mundo, apesar dos riscos. *Jornal da USP*, 28 jul. Recuperado em 4 de julho de 2025, de <https://jornal.usp.br/atualidades/brasil-tem-o-segundo-maior-numero-de-cesareas-no-mundo-apesar-dos-riscos/>
- Louro, G. L. (1997) *Mulheres na Sala de Aula* In M. Del Priore (Org.), *História das Mulheres no Brasil* (pp. 371-403 Contexto.

- Magalhães Marques, F., Machado Brandão, L., Araújo Costa, M. B., Fernando D’Lima, W., & Carvalho Souza Garcês Miranda, S. C. de. (2025). Estupro Virtual: a violência sexual na era digital e os desafios da legislação brasileira. *Revista De Direito Contemporâneo UNIDEP*, 4(1). Recuperado de <https://periodicos.unidep.edu.br/rdc-u/article/view/356>
- Mandú, E. N. T. (2004). Consulta de Enfermagem na promoção da saúde sexual. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 57(6), 729–732. <https://www.scielo.br/j/reben/a/cjzdPhJsZjVkvHsbg97vTkq/>
- Mariana. (2024). O que é feminicídio e como evitar esse crime contra as mulheres? *Fundo Brasil*, 20 ago. <https://www.fundobrasil.org.br/blog/o-que-e-feminicidio-e-como-evitar-esse-crime-contra-as-mulheres/>
- Matos, E., & Pires, D. (2006). Teorias administrativas e organização do trabalho: de Taylor aos dias atuais, influências no setor saúde e na Enfermagem. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 15(3), 508–514. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072006000300017>
- Michaelis. (s.d.). Vergonha. In *Michaelis On-line*. Recuperado em 22 de outubro de 2025, de <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/vergonha>
- Mignolo, W. D. (2017). Colonialidade: O lado mais escuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 32(94), 1–18. <https://doi.org/10.17666/329402/2017>
- Ministério das Mulheres. (2024). Ministério das Mulheres apresenta Relatório Anual Socioeconômico da Mulher. *Gov.br.*, 24 abr. Recuperado em 1 de julho de 2025, de <https://www.gov.br/mulheres/pt-br/central-de-conteudos/noticias/2024/abril/ministerio-das-mulheres-apresenta-relatorio-anual-socioeconomico-da-mulher>
- Ministério da Saúde – Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. (2004). *Política nacional de atenção integral à saúde da mulher: princípios e diretrizes (PNAISM)*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Ministério da Saúde. (2021). Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos (SINASC): dados de 2020. Departamento de Informática do SUS
- Ministério da Saúde. (2025). Situação epidemiológica das doenças diarreicas agudas (DDA). <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/d/dda/situacao-epidemiologica>
- Nascimento, M., & Brant, F. (1978). Maria, Maria [Música]. No álbum *Clube da Esquina 2*. EMI-Odeon.
- Oliveira, C.. (2012). "Libertar o brasileiro de seu cativo moral": identidade nacional, educação sexual e família no Brasil da década de 1930. *Psicologia & Sociedade*, 24(3), 507–516. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822012000300004>
- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids (UNAIDS), Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres (UN Women) & Organização Mundial da Saúde (WHO). (2018). International technical guidance on sexuality education: An evidence-informed approach (Revised edition). UNESCO. <https://cdn.who.int/media/docs/default-source/reproductive->

health/sexual-health/international-technical-guidance-on-sexuality-education.pdf?sfvrsn=10113efc_29&download=true

- Orlandi, E. P. (2005). *Análise de discurso: Princípios e procedimentos* (5ª ed.). Campinas, SP: Pontes Editores.
- Orso, S. S. B. da S., & Pumariega, Y. N. (2022). A importância da educação sexual na construção da sexualidade feminina: Uma revisão de literatura. *Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente*, 13(2), 160–172.
<https://doi.org/10.31072/rcf.v13i2.1146>
- Palmieri, J. J., & Stern, T. A. (2009). Lies in the doctor-patient relationship. *Primary care companion to the Journal of clinical psychiatry*, 11(4), 163–168.
<https://doi.org/10.4088/PCC.09r00780>
- Paulon, C. P. (2022). Saúde: consumo de todos, produto do Estado? In *Discurso e Saúde: hegemonia de sentidos, corpo e sujeito*. São Paulo: Pedro e João Editores.
<https://pedroejoaoeditores.com.br/site/wp-content/uploads/2022/01/Discurso-e-Saude.pdf>
- Prado Júnior, C. (2011). *Formação do Brasil contemporâneo*. Companhia das Letras.
- Pêcheux, M. (1995). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (E. P. Orlandi, Trad., 5ª ed.). Campinas, SP: Unicamp. (Obra original publicada em 1975)
- Pêcheux, M. (2009). *O discurso: estrutura ou acontecimento* (5ª ed.). Campinas, SP: Pontes.
- Rago, M. (1991). *Do cabaré ao lar: A utopia da cidade disciplinar – Brasil 1890–1930*. Paz e Terra.
- Rago, M. (1997) Trabalho Feminino e Sexualidade In M. Del Priore (Org.), *História das mulheres no Brasil* (pp. 484-507). Contexto.
- Ramalho, A. K. A. (2023). O Papel do Enfermeiro na Educação Sexual de Adolescentes em um Contexto Escolar: Revisão de Literatura. *Revista FT*, 27(128).
- Raminelli, R. (2004) *Eva Tupinambá*. In M. Del Priore (Org.), *História das mulheres no Brasil* (pp. 10-36). Contexto.
- Safatle, V. (2015). *O circuito dos afetos: Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Autêntica.
- Saffioti, H. I. B. (1969). *A mulher na sociedade de classes: Mito e realidade*. Quatro Artes.
- Santos, A. T. dos. (2009). *A construção do papel social da mulher na Primeira República* [Trabalho de conclusão de curso, PUC Rio de Janeiro]. Maxwell.
<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=14437@1>
- Santos, K. K. N. D. (2025). A atuação do enfermeiro no planejamento familiar e educação sexual: desafios, práticas e impactos na promoção da saúde. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 11(6), 4896–4906.

- Secretaria de Comunicação Social. (2023, 1º de agosto). Educação sexual não estimula atividade sexual. Governo Federal. <https://www.gov.br/secom/pt-br/fatos/brasil-contrafake/noticias/2023/08/educacao-sexual-nao-estimula-atividade-sexual>
- Segato, R. L. (2021). *Gênero e colonialidade: Em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial* (R. Barboza, Trad.). Ubu Editora.
- Segato, R. L. (2025). *Las estructuras elementales de la violencia: Ensayos sobre género entre la antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos*. Prometeo.
- Segre, M., & Ferraz, F. C. (1997). O conceito de saúde. *Revista de Saúde Pública*, 31(5), 538–542. <https://doi.org/10.1590/S0034-89101997000600016>
- Silva, P. C. da, & Rovida, M. (2021). Cum finis... quum finis! Dona YáYá vivia dentro dela dentro da casa dentro dela dentro. *TRAHS: Transdisciplinary Humanities Journal*, (3), 1–14. <https://doi.org/10.25965/trahs.3499>
- Sousa, P. F., Maciel, S. C., & Medeiros, K. T. (2018). Paradigma biomédico x psicossocial: onde são ancoradas as representações sociais acerca do sofrimento psíquico? *Temas em Psicologia*, 26(2), 883–895. <https://doi.org/10.9788/TP2018.2-13Pt>
- Vaz Pinto, A. D., & Madureira, A. F. A. (2018). Pornografia e questões de gênero: Um olhar crítico do poder pedagógico das imagens na construção das subjetividades. *PIC: Programa de Iniciação Científica*, (3). <https://doi.org/10.5102/pic.n3.2017.5816>
- Vieira, D. M., Câmara, L. M., & Gomes, R. C. (2014). Entre o ocaso do império e a afirmação da República no Brasil: mudança institucional gradual e transformativa. *Revista de Administração Pública*, 48(3), 531–550. <https://doi.org/10.1590/0034-76121435>
- White, D., & De Antoni, A. (2025). Affect. In H. Nieber (Ed.), *The Open Encyclopedia of Anthropology*. Disponível em <http://doi.org/10.29164/25affect>